

# Movimento/Cultura Popular: a luta continua camará...

Fábio Machado Pinto<sup>1</sup>

## Resumo Abstract

A Capoeira é o resultado de 500 anos de luta e resistência das populações africanas e dos afro-brasileiros. No princípio, sob um regime de escravidão intenso, o negro cativo fez do corpo uma arma para superar sua condição de oprimido e pegar a história em suas mãos. Manifestação cultural de origem afro-brasileira, em alguns casos, a Capoeira ainda expressa este caráter de resistência social e cultural. Partindo desta perspectiva que, em 1998 o Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física / UFSC buscou estabelecer relação com a Associação Cultural de Capoeira

*Capoeira is the result of 500 years of fight and resistance of African and Afro-brazilian populations. In the beginning, under slavery, black people turned their body into a weapon to overcome their condition of oppressed and to take history in their hands. A cultural manifestation of Afro-brazilian origin, in some cases Capoeira still expresses this characteristic of social and cultural resistance. Based on this viewpoint, in 1998, Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física/UFSC established a relation with Associação Cultural de Capoeira Ajagunã de Palmares,*

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia Econômica pela Universidade Técnica de Lisboa. Professor do Departamento de Metodologia de Ensino no CED / Universidade Federal de Santa Catarina. É coordenador, junto com o Prof. Paulo do Canto Capela, do projeto de extensão "Ginga UFSC: Programa de Formação de Educadores Populares da Capoeira da Ilha".

Ajagunã de Palmares, visando estreitar a sua relação junto às classes populares e trocar conhecimentos e saberes, bem como, produzir novas metodologias de ensino da capoeira. Desta relação surgiu o Projeto Ginga UFSC, que desenvolve estudos e atividades sobre o ensino da Capoeira. A tarefa deste artigo é refletir esta relação, a partir da experiência concreta deste “projeto” que em nossa análise compõe a histórica luta das classes trabalhadoras, em especial dos afro-brasileiros, nestes 500 anos de história do Brasil.

*with the objective of improving the relation between the University and the popular classes to exchange knowledge and also to create new methodologies for Capoeira teaching. From this relation was created the Project Ginga UFSC, that develops studies and activities related to the teaching of Capoeira. The objective of this article is to think about this relation, based on the concrete experience of the project, that in our analysis is part of the historical fight between classes of workers, in special de Afro-brazilians, in these 500 years of Brazilian history.*

## 1) Universidade e os Movimentos/Cultura Popular

De que estavam a espera, quando tiraram a mordaça que tapava a boca dos Negros? Que vos iam entoar louvores? Julgavam que iam ler a adoração nos olhos destas cabeças que os nossos pais, à força, tinham curvado até o chão? Estão na nossa frente homens levantados que nos

olham, e desejo que todos sintam como eu o arrepio de ser vistos (SARTRE, 1947).

Em abril de 1987, numa tarde ensolarada, brincava no campus universitário da UFSC um menino de nove anos, nascido no Bairro Pantanal e filho de trabalhadores. Nesta época, a Universidade oferecia muitos espaços públicos para o lazer da comunidade: nas árvores e campos as crianças e jovens corriam, pulavam, jogavam,

durante tardes inteiras. Nesta tarde, ao subir numa árvore, o menino sorria e gritava aos amigos que se afastavam após uma partida de futebol, foi quando um professor daquela universidade “pública” esbravejou: *desça desta árvore já*. Ao descer da árvore o menino foi agredido, tendo seu braço torcido: *“negrinho este aqui não é o seu lugar, suma daqui”*.<sup>2</sup> Sem ter como se defender o menino saiu correndo assustado.

Não bate no menino que um dia ele cresce. Pois quem bate não se lembra, mas quem apanha nunca esquece... (Música de Capoeira – Domínio Popular).

Tarde ensolarada de abril de 1997, o menino agora com 19 anos é um dos capoeiristas da Associação Cultural de Capoeira Ajagunã de Palmares<sup>3</sup>, tendo aprendido capoeira com um aluno da Universidade que se dedicou voluntariamente durante vários anos ao ensino de crianças da comunidade do Pantanal. Agora o jovem possui em sua bagagem

vários cursos de capoeira e de ensino da mesma, batizados e rodados pelo Brasil. Mesmo não estudando na universidade, porque desde cedo precisou trabalhar para ajudar na renda familiar, é um dos responsáveis pela elaboração do projeto *“Ginga UFSC: Programa de Formação de Educadores Populares da Capoeira da Ilha”*. Neste dia, novamente o professor da universidade investe na exclusão deste jovem e de seus camaradas do campus acusando-os, de forma “preconceituosa” no *Jornal Universitário*:

Os capoeiras queriam cobrar mensalidade dos alunos participantes do projeto de extensão[...] a idéia deles era de sobreviver da universidade e isso não é nossa prática [...] o departamento enfrenta problemas com a presença dos capoeiras extra universidade. Começaram a acontecer coisas, gente invadindo a piscina, quebrando janelas. A gente não tem certeza, mas podem ser eles ( J.U. – UFSC – 09/05/97 – n. 284).

<sup>2</sup> Depoimento do educador de capoeira Geovani Costa, cordel azul/amarelo, na *1 Semana da Educação Física e os Movimentos Sociais*, 1999.

<sup>3</sup> A Associação Cultural de Capoeira Ajagunã de Palmares é uma entidade sem fins lucrativos que surgiu em 1987 a partir do trabalho do capoeirista Carlos Alberto Dal Molim (o contra mestre Alemão). O trabalho realizado por Alemão priorizou as classes populares, o que possibilitou o ingresso de muitos praticantes negros. Hoje, o grande número de praticantes negros na capoeira de Florianópolis é resultado desta iniciativa.

Desta vez o menino não foge, mesmo sendo a sua vontade torcer o braço do professor que é pago para educá-lo e não expulsá-lo, e dizer “*corra que este aqui não é o seu lugar*”. Ao contrário, o jovem reúne seus companheiros e discute a situação. Como desdobramento decidem conversar franca e abertamente com o professor e seu departamento e nesta conversa exigir que tais acusações fossem explicadas publicamente, bem como, questionar a função social da universidade pública frente às necessidades colocadas pelas classes populares e seus movimentos. Uma vez que nunca foi prática desta Associação lucrar com as atividades de pesquisa, extensão e ensino em parceria com a universidade<sup>4</sup>, pelo contrário, buscou difundir a Capoeira Angola em diversas comunidades de Florianópolis, de forma voluntária e levando o nome da Universidade.

As elites, sejam elas econômicas ou culturais, nunca governaram sem resistência. O exemplo acima citado

é uma amostra de como as classes populares se organizam e exigem os seus direitos perante o Estado, ou seja, lá quem os oprime e os usurpa. Este mesmo Estado que se torna privado nas mãos das elites já foi por diversas vezes tencionado e somente esta tensão pode provocar a transformação. Nem sempre as estratégias dos movimentos sociais se desdobram em avanços, mesmo porque os instrumentos de luta são quase sempre desiguais. Enquanto o professor tem a burocracia a seu favor, podendo se esconder atrás dela, o jovem capoeirista possui apenas a coragem, a organização e uma noção de alguns de seus direitos.

O diálogo pode ser uma boa estratégia, porém os “bons argumentos” exigem o domínio do discurso, das leis e regras que geralmente são pensadas pelas elites. E na disputa pelo discurso as classes populares têm poucas chances visto que este discurso nem sempre se sustenta na realidade, mas principalmente numa lógica

<sup>4</sup> O que hoje vem acontecendo em larga escala nas universidades públicas, onde a extensão transformou-se em uma das principais estratégias para angariar recursos, tanto para suprir o salário dos professores que há cinco anos não recebem reajuste, quanto para aquisição de diversos recursos para a pesquisa e o ensino, os quais estão a cada dia mais escassos nos departamentos das universidades. Por exemplo, quase todos os projetos de extensão do CDS / UFSC cobram taxas que chegam a R\$ 60,00. Existem projetos de extensão que além de cobrarem taxas, realizam eventos também pagos e comercializam entre os alunos da extensão produtos de Grupos externos à universidade.

qualquer. Assim, é evidente que não tendo as mesmas armas que um professor chefe de departamento, que conhece a instituição e seus meios, as classes populares que buscam ocupar seu espaço numa universidade pública não podem se sustentar somente em bons argumentos. Elas precisam mais do que uma fala bem articulada, precisam tencionar estrategicamente a instituição, para localizá-la da sua responsabilidade com a história.

O dilema social representado pelo negro liga-se a violência dos que cultivaram a repetição do passado no presente. E exige uma contraviolência que remova a concentração racial da riqueza, da cultura e do poder (FERNANDES, 1989. p.61).

As elites chamam esta insubordinação, rebeldia e resistência de violência, baderna, desordem. Em muitos casos “permitem” a presença das classes populares no campus, mas “participar” pode ser perigoso demais. Então, usam de seu poder no domínio das regras e da moral para excluir. Usam do seu poder enquanto intelectuais para acusar a rebeldia de violência. A rebeldia não

é violenta, por vezes deve ser violenta, contudo ela é mais perigosa porque coloca em questão a violência das elites, que nem sempre é física como o caso do menino expulso da universidade pelo professor que é pago para educá-lo. Na maioria das vezes a violência das elites é “velada”, ou seja, é *“mais sutil porque o agressor se protege não verbalizando, não escrevendo, não gravando, não deixando rastros de sua atitude preconceituosa.”*<sup>5</sup>

## 2) A Violência e rebeldia do Movimento / Cultura Popular

Dona Isabel que história é esta de ter feito a abolição. De ser princesa boazinha que libertou a escravidão. Estou cansado de conversa, estou cansado de ilusão. Abolição se fez com sangue, que inundou este país. Que o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz... (MESTRE NAGÔ – RJ).

A violência de que acusam os capoeiristas, é exemplificada pelo jogo violento nas rodas, e que resulta em membros torcidos ou quebrados, em olho roxo, em facada

<sup>5</sup> NEN – DOSSIÊ CONTRA A VIOLÊNCIA RACIAL EM SANTA CATARINA. (S/D)

e até, em casos extremos, em morte. No momento em que as sociedades ficam cada vez mais violentas, qualquer iniciativa contra a violência é importante. Porém, simplesmente constatar um fato, que é a violência física nas rodas de capoeira sem contextualizar o fenômeno é utilizar-se do fato para confirmar a tese de que a capoeira enquanto luta física é coisa do passado. Sendo considerados românticos e puristas todos aqueles que a praticam desta forma no presente. Este procedimento é muito comum entre aqueles pesquisadores que utilizam fatos isolados para garantir o seu discurso e seus interesses.

Mas afinal o que é violência? Marcos Rodrigues nos ajuda a dar visibilidade a algumas das expressões de violência, dívidas históricas e sociais para e com a comunidade afro-brasileira. Segundo RODRIGUES (1999, p.62):

Há uma ideologia imperando nas relações cotidianas da população brasileira que gerou um círculo vicioso afirmando que o negro não pode estudar porque ganha pouco e ganha pouco porque não pode estudar..., se não bastasse no Brasil “o modelo de escola se configura como espaço privilegiado de aprendizado do racismo[...] a

criança negra sofre a inculcação de recalques e bloqueios nas suas potencialidades, resultando na negação da sua identidade racial.

Dados estatísticos recentes mostram que da população analfabeta do país os afro-brasileiros surgem em maior escala, mesmo porque, a porcentagem dos que nunca estiveram na escola e dos que mais evadem é maior entre negros do que os brancos e pardos. Assim como a escola, a mídia brasileira é um outro importante veículo de sustentação da ideologia do racismo. Ao mesmo tempo, as suas sofisticadas novelas, programas de auditórios e hilariantes programas de rádio disputam com a escola o espaço onde as crianças e jovens mais investem o seu tempo. Segundo RODRIGUES (idem), a presença dos negros nas novelas ficou marcada por três momentos:

O negro que não tinha família, nem história... personagem que vivia bêbado e em constante briga com a mulher...Homens objetos, sensuais, bonitos, ideais para serem namorados, mas não para casar.”

Mas talvez, a mais expressiva das formas de violência contra os afro-brasileiros esteja vinculada a sua

exclusão do mundo do trabalho ou a precariedade da oferta de trabalho à esta população, ao mesmo tempo que se negligenciam os melhores postos de trabalho. Dados do PNAD no período de 1987-1990 revelam que os brancos têm um rendimento duas vezes maior do que os *pretos e pardos juntos*. Enquanto os *pretos e pardos* participam predominantemente de atividades agropecuárias, produção extrativa vegetal e na construção civil, os *brancos* estão posicionados nas atividades administrativas e diretivas das indústrias e empresas. A desigualdade entre brancos e negros no mundo do trabalho começa cedo, as crianças e jovens brancos ingressam no mercado bem mais tarde do que os negros e pardos, e ainda, depois de uma escolarização privilegiada em relação aos negros e pardos. Toda esta conjuntura contribui para que a qualidade de vida desta população seja novamente negligenciada. *“Na verdade, a imensa maioria da população brasileira não chega a ter uma experiência concreta do que seja saúde.”* O percentual de afro-brasileiros entre os empobrecidos no Brasil revela um quadro de desigualdade, sendo o elemento principal da precariedade na saúde que fere a dignidade da população

negra, sem dúvida, a fome. Com precárias condições de alimentação, de ambiente residencial, de saneamento básico, de trabalho, entre outros, a saúde do afro-brasileiro é gravemente comprometida. Já nos porões dos navios negreiros, as doenças, o frio, o desespero e as violações contribuíam para que poucos chegassem vivos ao continente americano.

A violência ocorre de muitas maneiras, ela pode ser física, psicológica, cultural e social. Nestes 500 anos de história a violência se deu de todas as formas possíveis, contra os negros, índios, mulheres, crianças, sobretudo os trabalhadores e seus filhos. Homens procedentes da Europa ocidental, ao expandirem seu comércio, acabaram encontrando índios dóceis e assustados. Acabaram por violá-los e massacrá-los, posteriormente, escravizaram e exploraram os africanos, em seguida, os trabalhadores imigrantes europeus e, por fim, os filhos desta mistura, ainda hoje, diariamente expropriados de sua mais valia. Este processo contribuiu para formação de oligarquias, concentrando a renda em poucas mãos, estas se tornaram poderosas em suas comunidades, com poder econômico e político

formaram idéias, visões de mundo, de sociedade, mantiveram toda uma racionalidade, assim como uma forte estrutura para a proteção do modelo de sociedade que lhes permitisse continuar explorando através da violência, de forma legal e sem implicações morais, oprimindo inclusive o revide dos violados.

Aos poucos, com muita luta e resistência dos movimentos sociais, mas de uma forma “controlada e vigiada” para não colocar em risco os privilégios da minoria latifundiária, foram se flexibilizando as leis e os valores. Porém, o café, o ouro, o açúcar, o minério, as melhores escolas, os melhores hospitais, as melhores praias, as melhores ruas, as melhores universidades continuaram sendo produzidas ou construídas pelas mãos e os pés das classes populares sem, no entanto, usufruírem destes. A eles só foi concedido as 40 horas de trabalho, o salário mínimo, as filas do INPS, o trabalho infantil, o sucateamento da escola pública, os crediários intermináveis, as novelas e os jogos de futebol pela televisão uma das poucas possibilidades de lazer e de formação para o povo brasileiro.

A capoeira surgiu como um instrumento de libertação contra a

violência da escravidão. Contudo, após a abolição da escravatura esta mesma luta serviu como instrumento da sobrevivência. Segundo AREIAS (1983, p. 29),

Nesta situação, sem ofício e jogados à sorte do ‘Deus dará’, considerados pela ideologia dos detentores do poder como uma raça inferior, por um passado que não escolheram, e sem terem como conseguir o sustento, os negros empregaram-se em assaltos crimes e emboscadas[...] empregaram-se como mercenários a mando de políticos da época.

Enquanto Cultura Popular, a capoeira não se distinguiu das demais manifestações populares, definidas por CHAÍ (1996, p. 43) como,

Um conjunto de práticas ambíguas e dispersas, com lógica própria, que se realiza nas brechas da cultura dominante, recusando-a, aceitando-a ou conformando-se a ela. Entre o saber e o não-saber, a cultura popular se caracteriza por um misto de conformismo e resistência.

BARBIERI, ao entrevistar velhos mestres da capoeira encontrou esta ambigüidade, onde a capoeira é ao mesmo tempo, “luta, dança, trabalho, divertimento, esporte,

jogo, violenta, pacífica, mata, cura, considera as novidades, segue os costumes” (1993. p. 36) Com outras palavras, contra mestre Alemão reforça a tese de Chauí e os exemplos de Barbieri de forma muito simples: “a capoeira é um instrumento, não é bom, nem ruim, os capoeiras é que fazem a capoeira, ela pode ser usada para qualquer fim, isso depende dos sujeitos que a fazem”.

Muitos foram os capoeiras que continuaram a luta dos escravos quilombolas por uma outra sociedade. Buscaram e buscam ainda hoje unir a *luta de raças à de classes*, ser resistência, ter uma identidade cultural rebelde numa sociedade onde a tendência é globalizar uma determinada racionalidade individualista e contraditoriamente massificadora, fazendo com que todos consumam modelos tipo “Mac Donalds ou Coca-cola”, ocupando seus lugares na “série”.

Contudo, muitos capoeiras buscaram resgatar e difundir sua cultura, sua alegria, sua solidariedade e sua causa. Ocuparam espaços importantes dentro da sociedade, criaram associações, invadiram as universidades e por último, as escolas. Por outro lado, muitos capoeiras seguiram um

rumo oposto, ignoraram o seu passado e com ele a histórica luta de seus antepassados. Investiram no projeto individual e massificador, na eficiência da luta física e esqueceram da luta política e social. Adaptados à sociedade de classe, ignoraram a luta dos oprimidos e adotaram a racionalidade dos opressores, competindo entre si por espaço no mercado. A capoeira deixou de ser privilégio do meio popular e penetrou nas elites, com nova roupagem tornou-se produto.

Neste contexto, a rebeldia de quem luta contra a violência das elites expressa num modelo de sociedade neoliberal que usurpa, oprime e exclui, é rotulada de ultrapassada e fora da nova ordem. Este rótulo tem servido para enfraquecer os movimentos sociais e torná-los desacreditados. O próprio debate entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, que problematizava dois projetos antagônicos de cultura e sociedade, começa a ruir ao mesmo tempo em que cai o Muro de Berlim. Qualquer reação vinda do meio popular, buscando ocupar seus espaços, como a universidade, as escolas, os sindicatos, é acusada de agitadora, provocadora do caos, fora da ordem e da racionalidade vigente. Com isso, fazem uma leitura acrítica e

ahistórica, desconsiderando a luta dos movimentos populares, a sua história e seu projeto, e numa análise superficial e conveniente rotulam o povo de ser mal educado, malandro, vagabundo e violento.

Para aquele professor que agrediu o menino e que insultou os educadores é mais conveniente que a capoeira torne-se um folclore, algo exótico para *inglês ver*. Assim, a cultura popular deixa de ser resistência e se conforma, a história continua na mão das elites e o seu emprego estará garantido pela inércia do sistema. Como dizia Simone de Beauvoir<sup>6</sup>, estes são os verdadeiros *cães de guarda da burguesia*, que se utilizam de um discurso e uma prática reacionária. Ao contrário, para o capoeira que entendeu a história, a lembrança de seus antepassados não é uma abstração teórica, é vida consumida. Cabe a eles reassumirem a história, e com ela nas mãos construir uma sociedade livre da opressão e da violência.

Para este capoeira, o jogo tem um outro sentido e significado, mais do que isso, jogar capoeira é estar inteiro na vida. Se o jogo aperta, é hora de pensar e escolher entre um

jogo mais forte, com contato, com desafio e, com isso, o risco de se machucar, ou tem outra possibilidade, cumprimentar o camarada e sair do jogo. É verdade que muitos capoeiristas gostam da disputa corporal da mesma forma que a maior parte dos brasileiros gostam da disputa no futebol. Faz parte da cultura nacional, mesmo porque nossa auto-estima precisa de agrados como estes para compensar tantas frustrações. Na capoeira, as lesões ocorrem na mesma proporção que em outros esportes onde há muito contato físico, principalmente em grupos onde é tradição o *jogo apertado*. O *jogo apertado* não é violento, mas é perigoso porque exige habilidade e bom senso de quem joga. Porém, prepara o capoeirista para as *voltas que o mundo dá*, ensinando na prática e na teoria o quanto é arriscado e desafiador viver num mundo onde as pessoas estão vivas a sua volta e fazem resistência, colocam limites, escolhem-se de diversas formas e se tecem a partir destas escolhas.

<sup>6</sup> Beauvoir defende este ponto de vista no seu livro "*pensamento de direita, hoje*" Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1972.

### 3) O universal e o singular do Movimento/ Cultura Popular

Certa vez, perguntaram ao seu Pastinha: o que era a Capoeira [...] Capoeira é um jogo, é um jogo é um brinquedo. É desrespeitar o medo, é dosar bem a coragem. É luta de mandingueiro, um gemido na senzala [...] Enfim, aceitar o desafio com vontade de lutar. Capoeira é um navio, solto nas ondas do mar (MESTRE TONI – RJ).

A capoeira que desconsidera a existência de violência na sociedade trai a sua essência. Essência de luta contra todas as formas de opressão. “Escolher essa luta ou não” é responsabilidade dos homens que fazem a capoeira. Esta prática cultural é construída por homens e mulheres, com desejos, valores, ideais, projetos, sentimentos, em relação com o mundo, com as coisas, com outros homens, com o passado e com o futuro, e determinada pela angústia que estes vivem diariamente, ou seja, a “angústia da liberdade” (SARTRE, 1987, p.08).

A capoeira é liberdade afirmam por unanimidade a maioria dos capoeiristas. Mas poucos conseguem definir essa liberdade. Pensamos que uma resposta

simples pode levar ao espontaneísmo e ao descompromisso, equívocos sérios que comprometem a filosofia da capoeira revelada nas senzalas, quilombos e nas ruas do Brasil.

Já reconhecemos que é traidora a capoeira que nega a luta histórica dos negros e índios escravos, dos trabalhadores rurais imigrantes, dos operários, enfim, de todos os cidadãos brasileiros historicamente explorados em sua força de trabalho, se colocando ao lado daqueles que exploram a sua cultura, o seu povo e a sua força. Negando a essência da capoeira, negam a luta pela liberdade, pela solidariedade e por recolocar na mão do homem que trabalha o rumo de sua história. Portanto, a liberdade é um dos princípios básicos da capoeira. Implica em definir o homem como sujeito da História, construindo a mesma junto com outros homens, assim trata-se de uma *liberdade comprometida*. Segundo SARTRE (1987, p. 07),

O homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue

escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.

No senso comum *liberdade* está relacionada a *dar ao indivíduo o direito de fazer tudo o que se tem vontade*, ou mesmo, está relacionada a *um indivíduo sem amarras, livre, leve, solto e suspenso no ar, como um pássaro no céu ou uma pluma ao vento*, enfim, como um indivíduo que não tem compromisso com nada e com ninguém, solto no mundo para *vivenciar* tudo que sua emoção lhe sugerir. Nestes casos, a liberdade é confundida ora com autonomia, ora com espontaneísmo. Acredita-se que ser livre é ir fazendo tudo aquilo que der na cabeça sem ter implicações; é ter poder de consumo para comprar tudo e todos, é não se comprometer com ninguém, enfim, é estar solto no mundo, levado para o céu ou para o inferno conforme a força do vento. Neste sentido, a emoção é vista como algo mais importante que a reflexão, sendo assim, para ser livre é preciso ceder às paixões, envolvendo-se espontaneamente nas experiências mesmo que isso implique em conseqüências aos outros.

Segundo SARTRE (idem), “o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo [...]”. A

liberdade é condição de possibilidade para a vida de todos os homens, ou seja, *o homem está condenado a ser responsável pelo que ele é*. Assim, a liberdade é dada logo que existimos no mundo, nos permitindo escolher dentre um campo finito de possibilidades de ser. Este campo amplia à medida que o homem se emancipa da dependência externa. Mas, logo podemos escolher entre ser padre, cafetão ou jogador de futebol, covarde ou corajoso, apaixonado, céptico ou pessimista. Essa possibilidade de escolher o rumo de sua história provoca no homem uma angústia, que Sartre (idem) denomina de *angústia da liberdade*. Portanto, o homem não tem mais deus, nem destino, nem a natureza como determinantes de sua história, ele está livre para escolher a sua vida e com isso a vida de todas as pessoas do mundo. Como diria Sartre (idem), “não importa o que fazem do homem, mas sim o que ele faz daquilo que fizeram dele”.

Porém, a liberdade não é fazer tudo o que quiser, não é ser solto e sem amarras, não é ser um ser que vive todas as paixões que puder sem se implicar com ninguém e com nada. A liberdade vai além desses equivocados conceitos que tem

levado o homem à solidão e ao individualismo. A liberdade é essa condição de vida que permite ao homem escolher seu caminho, escolha que compromete toda a sociedade. Essa escolha não acontece num campo infinito de possibilidades, pois é o mundo que impõe e demarca o quadro de possibilidades que o homem tem para escolher. *O homem sempre escolhe dentro de um campo de possibilidades*, de tempo, espaço, sujeitos e objetos.

Essa liberdade implica em responsabilidades com tudo aquilo que fazemos. Por exemplo, dar uma rasteira num iniciante que não sabe cair, agredir outra pessoa na roda, fugir da luta quando o jogo aperta, entre outros. Mestre Nô<sup>7</sup> em entrevista no I Festival de Catarinense de Capoeira Angola ensinou que *liberdade é responsabilidade*, ou seja, qualquer atitude nossa pode trazer “a” ou “b” implicação para a sua vida e a de meu grupo. Por exemplo, um homem que mata uma pessoa pode ser linchado, preso ou ficar livre e seguir matando outras pessoas. Se eu respeito a integridade das pessoas possivelmente vou ser respeitado, se eu luto posso vencer,

mas se não luto provavelmente vou perder e assim sucessivamente, todas as nossas ações interferem e transformam o mundo e o mundo reage e nos transforma. Por isso, a liberdade é uma condição ontológica do Homem, é responsabilidade e se dá dentro de um campo finito de possibilidades.

Lutar é uma escolha. Uma escolha cada vez menos acreditada, porém, como dizia Sartre, para transformar o mundo *é preciso ter as mãos sujas*. Para combater a opressão, o racismo e a exploração somente os homens na sua coletividade, através dos grupos. Neste sentido, não podemos confundir a busca da essência da capoeira com uma postura ingênua e romântica, como algo ultrapassado que está na *contra-corrente* da história e que resiste aos avanços oriundos de um mundo já “globalizado”.

É de se perguntar qual é o projeto que realmente encontra-se na *contra-corrente* da história? Escolher a *superação dos 500 anos de conquista intermináveis*, expresso na atualidade pelo projeto universal neoliberal, que numa retomada estratégica uniu a força das grandes corporações econô-

<sup>7</sup> Mestre maior do Grupo Palmares de Capoeira Angola – Bahia.

micas, com um estado submisso e regulamentador de políticas que concedem, ao fim das contas, todo poder ao mercado, deixando o povo solto aos tubarões. Escolher construir um projeto junto as classes populares que subverta toda ordem vigente e coloque a história na mão dos trabalhadores. Pensamos que ao contrário, quem está na “contracorrente” da história são justamente os mesmos que fizeram a revolução burguesa e depois “chutaram” os trabalhadores, que não deixam a história andar perpetuando uma racionalidade empirista e metafísica e que não permitem o avanço na democratização da cultura e da economia.

Acusar os que se rebelam de serem nostálgicos e terem saudades do passado é ser no mínimo hipócrita, mesmo porque o imaginário popular nos traz a força das chibatadas no lombo do escravo, narrado pela voz dos antepassados de boca em boca até nossos velhos mestres de Capoeira. Não é possível lembrar com saudades da escravidão do passado que se revela ainda no presente, onde a favela é a senzala moderna, mas lembrar sim do que dizem os velhos mestres, de uma capoeira que foi instrumento de luta pela liberdade, de resistência física e

cultural, de confraternização, lazer e de trabalho. Essa capoeira expressa a verdadeira liberdade e permite olhar para a realidade como ela é, contraditória, dialética, humana.

O trabalho dos mestres de capoeira merecem ser reconhecidos, sendo a boa remuneração uma forma deste reconhecimento. Isso não deve ser questionado, mesmo porque é preciso sobreviver ao mercado selvagem e já cansamos de ver os velhos mestres morrerem na miséria. Porém, precisamos arrumar alternativas para sobreviver sem trair os princípios básicos da capoeira, resgatar a história e manter vivo os ideais de uma sociedade do povo, gerida pelo povo com as capacidades e qualidades de nossa época, ou seja, democratizando a tecnologia, a ciência, a renda e a cultura.

#### **4) O Projeto no Movimento/Cultura Popular**

Essa arte que me encanta... não consigo mais sair... aprendi a capoeira que vem lá dos ancestrais... (Música Capoeira – Domínio Popular)

Um grupo é um conjunto de homens e mulheres com um projeto comum, torna-se movimento social na medida que adota uma

ação grupal para a transformação (práxis) voltada para realização dos mesmos objetivos (projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (organização e sua direção) (SCHERER 1989, p. 20).

Ou seja, precisam de ideais, de objetivos, de planos para alcançá-los, de ações concretas, de lideranças, enfim, de um projeto. Os movimentos sociais perseguem um sonho construído e alimentado diariamente por pessoas que nele depositaram sua vida ou parte dela, pessoas que investiram, se comprometeram entre si, venceram e perderam, morreram lutando ou se perderam pelo caminho, mas contudo, participaram e fizeram a história.

O maior Movimento Social da história foi sem dúvida o movimento operário do início do século que contou com a orientação da teoria Marxista e conduziu os trabalhadores soviéticos a revolução de 1917. Partindo da filosofia marxista,

diversos pensadores refletiram os movimentos sociais, entre eles Lenin, Lucaks, Gramsci, Lebon, Park, Blumer, Smelser, Touraine, Offe e outros transitaram do vanguardismo ao basismo, da luta de classes a teoria da complexidade. Até meados do nosso século os movimentos sociais tinham como horizonte a teoria marxista, esta entendia que os movimentos sociais surgem da ação de grupos sociais na busca da libertação da opressão de classe. Com a Segunda Grande Guerra a luta contra o preconceito racial e a guerra fria dá lugar a novas formas de Movimentos Sociais, são eles ecológico, feminista, étnico, pacifista, entre outros. Desde então, os diversos movimentos sociais buscam libertar-se das mais diversas formas de opressão sejam econômicas, sociais, culturais, ideológicas, entre outras.

Na luta, os movimentos sociais se utilizam dos mais variados instrumentos e estratégias. Esta luta é feita por homens e/ou mulheres que se tecem formando grupos, que por sua vez estão em relação com outros grupos. Estas relações, ao mesmo tempo em que afetam os homens e mulheres singulares, são afetadas por estes, transformando-as num movimento constante de destotalização e retotalização. Neste

jogo, quase que matemático de relações o que predomina são os sujeitos e suas as escolhas. Os homens são seres universais/singulares, isso quer dizer que ao mesmo tempo em que fazem parte da série, são seres únicos e com aspectos singulares. Assim, uns são mais valentes e corajosos, desafiam o medo e se lançam no mundo sob o efeito de suas emoções. Outros pensam mais um pouco, medem as consequências e arriscam menos, outros são impedidos de se lançar pelo medo. São personalidades singulares, diferentes, com valores, histórias, medos, paixões, ódios, entre outros.

A Capoeira foi estrategicamente criada pelos escravos como um instrumento de luta para alcançar certos objetivos coletivos e individuais. Na senzala o objetivo transitou entre viabilizar a fuga para o mato ou para dissimular a sua preparação, e em muitos casos para resistir culturalmente ao opressor. Hoje, num grupo de capoeira a utilização da capoeira indica as mais diferentes lutas, desde a luta pela sobrevivência como trabalho, a luta por uma identidade como guerreiro, a luta por um grupo como forma de escapar a solidão e o massacre capitalista, e etc, até lutas mais amplas, como aquelas já referidas,

por uma outra sociedade, que não essa do consumo e da exploração.

Mas qual destas lutas traz consigo a essência da Capoeira? Podemos em princípio pensar que a luta corpo-a-corpo, onde dois indivíduos se lançam no desafio de quem é mais hábil, forte, corajoso, perspicaz, experiente, equilibrado, técnico, treinado, etc é, por fim, o que dá sentido a luta da capoeiragem? É evidente no mundo da capoeiragem o grande reconhecimento daqueles que rodaram o Brasil enfrentando rodas e fazendo história nos recantos mais longínquos. Tanto que a luta corporal de forma agressiva e corajosa tornou-se uma moral na capoeira. Sendo assim, muitos capoeiras, com o objetivo de buscar uma identidade própria se lançaram no desafio do combate corporal como forma de “fazer nome”. A busca do respeito e do reconhecimento, num mundo onde as pessoas são cada vez mais despossuídas de uma identidade e massificadas pelo sistema, os levou a reconhecer prioritariamente o valor da “vaidade pessoal” do que da “luta social”.

Mas quando recorremos a história encontramos estes dois aspectos: a capoeira presente na escravidão, onde o escravo se organizou e unificou-se em grupos, traçando objetivos a partir de ideais

de revolução. Foram necessários anos, muitas mortes, sacrifícios, em meio a diferentes línguas, costumes, valores, construíram focos de resistência a partir de sua união. Tinham como ideal acabar com a escravidão e construir uma outra sociedade. Foi assim que surgiu Palmares, da barbárie, da exploração, do caos, constituiu-se na maior iniciativa humana libertária de combate a sociedade branca-católica-ocidental-capitalista até nossos dias. Usando sua valentia, força, esperteza os quilombolas viveram por cem anos um sonho que nos alimenta ainda hoje.

Esse sonho se perpetuou nas músicas, nas rodas, rodando o mundo. É assim que a roda reproduz a vida e nos ensina a estar mais atento contra as diversas formas de violência, principalmente a exploração do homem pelo homem, mas também, contra o racismo, o preconceito, a discriminação que sofrem os brasileiros pobres, trabalhadores, e as minorias em geral. Já a *luta corporal* contra alguns companheiros de sonho alimenta apenas o ego, enquanto esvazia o sonho de um futuro onde todos sejam cidadãos, ao mesmo tempo ela se faz necessária contra as diversas formas de intolerância que culminam na violência contra

as classes populares. Por fim, é importante ressaltar o que diz FLORESTAN FERNANDES (1989, p.61), que essa luta não é só de classe, mas também luta de raça.

Em uma sociedade multirracial, na qual a morfologia da sociedade de classes ainda não fundiu todas as diferenças existentes entre os trabalhadores, a raça também é um fator revolucionário específico. Por isso, existem duas polaridades, que não se contrapõem, mas se interpenetram, como elementos explosivos – a classe e a raça.[...] O negro acumulou frustrações e humilhações que tornam incontáveis os seus anseios de liberdade, de igualdade e de fraternidade. Ele não pode dar outra face. É tudo ou nada. Ou rebeldia ou capitulação. Ou democracia para valer ou luta contra os grilhões, agora ocultos por uma pseudo-democracia. Reflexões desta natureza podem parecer equivocadas. Mas, porque as elites temem as classes trabalhadoras e, mais ainda, ‘o populacho’, em sua maioria compostos de negros e mestiços?

Porque ainda está por ser feita a *abolição da violência* contra as classes populares deste país. E somente Movimentos Sociais organizados podem ser sujeito

desta revolução que desnudaria os 500 anos de opressão e dominação intermináveis. Como revelou Sartre na sua última contribuição à humanidade

É preciso tentar explicar por que o mundo de agora, que é horrível, não passa de um momento no longo processo histórico, que a esperança foi sempre uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições e como ainda sinto a esperança como a minha concepção de futuro (SARTRE, 1992, p. 79).

Resta ainda responder qual seria a relação desejável entre a universidade pública e os Movimentos/Cultura Populares? Em nossa síntese provisória nos arriscamos a sugerir que esta relação Universidade e Movimento/Cultura Popular seja o espaço da dialética, da sociologização dos diversos sujeitos, onde as necessidades colocadas pelos Movimentos Populares sejam problematizados e investigados na busca de soluções concretas. Contudo, é função da Universidade se colocar como polo intelectual e produtor do conhecimento, o qual deve ser democratizado. Cabe aos Movimentos Populares se apropriarem destes instrumentos de produção do conhecimento, bem

como de seus resultados. Por fim, esta relação deve ter como horizonte uma fundamentação filosófica, uma visão de mundo, homem e sociedade anticapitalista, a fim de enfrentar prioritariamente a opressão exercida pelas elites políticas, econômicas e culturais sobre as classes trabalhadoras.

## Referências bibliográficas

- ACCURSO, Anselmo da Silva. *Capoeira: um instrumento de educação popular*. Porto Alegre: 1995.
- AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BALDISSERA, Márcio Diniz. *A Capoeira em Florianópolis: os grupos e as concepções de seus líderes*. Monografia defendida no curso de Educação Física da UFSC: Florianópolis, 1997.
- BEAUVOIR, Simone. *O Pensamento de direita, hoje*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1972.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. Brasiliense: São Paulo, 1986.
- FERNANDES, Florestan. O negro e a democracia. *Revista Humanidades*. Editora da UnB: Brasília, Ano IV, Agosto/Outubro, 1987.

\_\_\_\_\_. *Significado do protesto negro*. Cortez: São Paulo, 1989.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº 10, Vol. 4, Junho de 1989.

LEITE, Ilka, Boaventura. (org) *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Letras Contemporâneas: Florianópolis, 1996.

MUNANGA, Kabengele. "Negritude: usos e sentidos". Ática: São Paulo, 1989.

NEN - Núcleo de Estudos Negros / SC. *Dossiê contra a violência racial em Santa Catarina*. Florianópolis, 1999.

PASTINHA, Mestre. *Capoeira Angola*. 3. ed. Fundação Cultural do Estado: Bahia, 1988.

PINHO, Joseane. *lê a Capoeira...lê tem fundamento, camará!*. Monografia apresentada no Curso de Especialização em Educação Física Escolar. CDS/UFSC: Florianópolis, 1993.

PINTO, Fábio Machado. *Pequenos Trabalhadores: sobre a Educação Física, a infância empobrecida e o lúdico numa perspectiva histórica e social*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1995.

PINTO, Fábio Machado et alli. *O Ensino da Capoeira em Florianópolis*. MOVER: Florianópolis, 2000 (no prelo).

RAMPINELLI, Waldir José & OURIQUES, Nildo D. (orgs) *Os 500*

*anos: a conquista interminável*. Vozes: São Paulo, 1999.

REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Editora Itapoã: Bahia, 1968.

SARTRE, Jean Paul. *Reflexões sobre o racismo*. 5ª edição, S/d.

\_\_\_\_\_. *O existencialismo é um humanismo*. Coleção os Pensadores, Nova Cultural: São Paulo, 1987.

SAVIANI, Demerval. *Ensino Público: algumas falas sobre a universidade*. Cortez: São Paulo, 1991.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos Sociais*. Editora da UFSC: Florianópolis, 1989.

SINGER, Paul. *Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas*. Contexto: São Paulo, 1998.

VIEIRA, L. R. & ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. *Revista de Estudos Afro-asiáticos*. Universidade Cândido Mendes, nº 34, 1999.

---

#### Endereço do autor:

Rua dos Eucaliptos, 1070 – casa 05 -  
Praia do Campeche. Fpolis/SC.

CEP: 88063-440

Fones: (0\*\*48) 331-9243 – 338-2707

e-mail: bage@intergate.com.br ou  
bage@ced.ufsc.br

---

